



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Diferentes outros Kaingang: aldeias, marcas, cestarias e alteridades

Autoria: Rodrigo Souza Fontes de Salles Graça (FUNAI)

Diferentes outros Kaingang: aldeias, marcas, cestarias e alteridades. RESUMO A emergência de ?novas? marcas (rá) nas cestarias realizadas entre os Kaingang na TI Queimadas (terra indígena localizada entre as bacias do rio Tibagi e Ivaí no estado do Paraná, com aproximadamente 700 indígenas) constitui narrativas referenciais sobre os Kaingang vindos de ?fora?, especificamente da TI Rio das Cobras. Ao mesmo tempo, os nomes para tais marcas não são tão novos, parte deles são os mesmos registrados por Nimuendaju (1913), como designação preferencial das metades no Paraná, a partir da pergunta: ?Indo você ao cemitério como é que você se pinta?? Assim, ao contrário de outras áreas Kaingang mais ao sul, não encontramos de modo corrente na TI Queimadas as denominações kamê e kanhru na identificação de clãs exógamos, mas desde pelo menos a primeira metade do século XX, as marcas rá ror, rá kutu, rá tej, rá joj e outros. São também estas denominações que passam a identificar as ?novas? marcas das cestarias aprendidas na década de 1970 desses outros vindos de ?fora?, ainda sob o pano de fundo em que as marcas deixam de ser utilizadas publicamente frente aos mortos. Todavia, nessas narrativas aqueles ?do Rio das Cobras? também aprendem com os ?de Queimadas?, seja a realizar os ?puxirões? para erguer os balaios, seja a fazer as lavouras mecanizadas. Por vezes também é com os de ?fora? que se busca a cura. Neste contexto, os Kaingang em Queimadas realizam seus modos de comparação e suas trajetórias, numa temporalidade e alteridade que os



transpassa, por vezes, com ênfase no ?novo? que se aprende/recebe/obtem de ?fora?. Esta apresentação visa abordar narrativas Kaingang da TI Queimadas, num primeiro plano, sobre o tema da comparação e trajetórias ?entre aldeias? em vista às distinções êmicas entre coletivos; num segundo plano, referente à historicidade das relações de alteridade em sentido amplo, no qual se incluem os mortos. Dentro deste recorte apresentamos hipóteses para duas questões: num contexto histórico, no qual os etnônimos (em escala étnica) entre os Kaingang teriam sido suprimidos (GOES, 2018), de quais modos são estabelecidas trajetórias e comparações distintas (e, por vezes, complementares) ?entre aldeias?, grupos e/ou regiões? O que significa o uso de ?novas? marcas em cestarias, aprendidas com os de ?fora?, no contexto diacrônico de transformação das relações de alteridade?



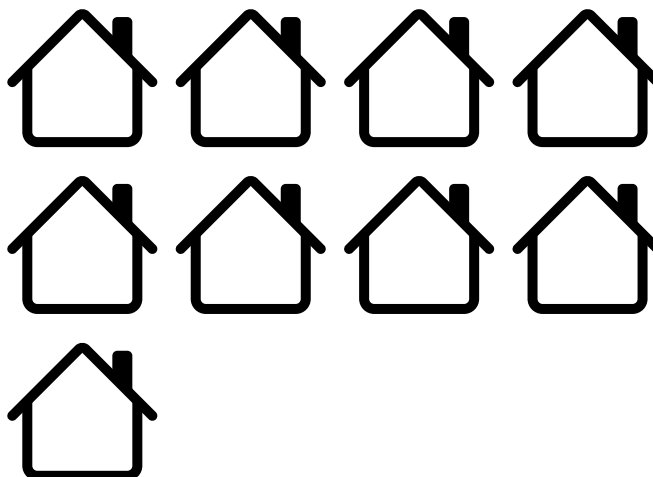
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: